



13º CONGRESSO QUÍMICOS DO ABC

22 a 24 de novembro/2019 - Atibaia - São Paulo



13º CONGRESSO QUÍMICOS DO ABC



VIDA!
TRABALHO!
DEMOCRACIA!

SOMOS TODOS RESISTÊNCIA



2ª Plenária Preparatória do 13º. Congresso do Sindicato dos Químicos do ABC

São Bernardo do Campo, 28 de setembro de 2019

Como representar e organizar os trabalhadores

O principal papel de uma organização sindical classista e combativa como o Sindicato dos Químicos do ABC é organizar os trabalhadores e as trabalhadoras nas fábricas e no Sindicato. Ou seja, sindicalizar, informar e formar politicamente para a ação sindical e a negociação coletiva.

O Sindicato dos Químicos do ABC tem 80 anos de atuação e representa atualmente cerca de 32 mil trabalhadores/as empregados em pouco mais de 1.000 indústrias localizadas nas sete cidades da região do ABC. O Sindicato atua de acordo com a legislação trabalhista e os seus Estatutos legalmente aprovados.

Os direitos e deveres dos associados e dos membros da direção sindical estão ali estabelecidos. O mesmo ocorre em relação a Associação dos Aposentados Químicos.

O nosso sindicato é fundador e afiliado da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e estamos afiliados a uma Federação estadual (FETQUIM), uma Confederação nacional (CNQ/CUT) e a uma federação sindical internacional (ICM), além de participarmos diretamente de outra (IndustriALL Global Union) por meio da CNQ. Diretores de nosso Sindicato ocupam cargos de direção na CUT ABC, estadual e nacional, FETQUIM e CNQ.

Ou seja, o Sindicato dos Químicos do ABC é uma potência sindical que propicia aos seus representados uma ampla proteção em termos de direitos, benefícios e vantagens, com uma das melhores e mais antigas Convenções Coletivas de Trabalho do Brasil.

Tudo isso agora está em risco de extinção ou enfraquecimento em razão dos ataques dos governos Temer e Bolsonaro, que defendem os interesses do mercado e do grande capital e por isso aprovam mudanças na legislação trabalhista que flexibilizam as relações de trabalho, dificultam o funcionamento dos sindicatos e fragilizam a negociação coletiva. Isso, sem falar das mudanças tecnológicas impostas pela internet das coisas, robotização e automação crescentes.

Como consequência, no mercado de trabalho existem trabalhadores com contrato formal por tempo indeterminado, temporários, intermitente, tempo parcial, eventual, não formalizado (sem registro em Carteira), terceirizado, autônomo ou por conta própria, MEI, PJ, teletrabalho, home office e os sem ocupação, desempregados. De 106 milhões da População Economicamente Ativa (PEA) apenas 33 milhões têm carteira assinada e 11 milhões estão no setor público. Se estima que apenas 17% desse contingente “formal” são sindicalizados, menos de 8 milhões em todo o país.

Frente a essa nova condição se faz necessário repensar nossa forma de organizar e representar os trabalhadores/as. A fragmentação da classe trabalhadora prejudica os trabalhadores e favorece os patrões. No médio e longo prazo haverá uma diminuição da classe média e um empobrecimento generalizado, com uma minoria de multimilionários. A violência social também aumentará.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) está refletindo sobre essa situação e tem emitido diretrizes que apontam para a necessidade de também inovarmos em termos de organização e negociação coletiva, como por exemplo: flexibilizar e ampliar as formas de associação para incluir todas as formas de relação de trabalho; ampliar e diversificar a representação sindical com mais mulheres, negros e jovens em cargos de direção desde o local de trabalho; investir em formação sindical e revisar os serviços e benefícios oferecidos aos associados de novo perfil; estreitar relações com movimentos sociais urbanos e rurais; unificar data-base; criar instrumentos de negociação coletiva independente do vínculo de

trabalho; incluir cláusula de acesso à informação sobre os tipos de contrato de trabalho individuais na empresa; avaliar possibilidades de fusões entre sindicatos; aumentar o número de sindicalizados; fortalecer e ampliar a representação sindical no local de trabalho; intensificar o trabalho em redes sindicais para reunir forças, trocar informações, reduzir custos e aumentar a capacidade de negociação coletiva. Além disso, a CUT reitera os princípios da liberdade e autonomia sindical para a constituição de sindicatos para além da categoria profissional e limite territorial.

Os sindicatos devem refletir sobre essa nova realidade para não correr o risco de tornar-se irrelevantes para os trabalhadores e para a sociedade que muito dependem de nossa proteção. O Sindicato dos Químicos do ABC possui uma história bastante rica e repleta de exemplos de momentos em que atuou para muito além dos limites do corporativismo, como por exemplo na luta pela saúde dos trabalhadores e das populações vizinhas aos polos industriais, na luta pela segurança química e a defesa do meio ambiente, na luta pelo emprego junto ao Estado e aos patrões, na luta pela saúde e a segurança pública, na luta pela defesa da infância e adolescência e contra o trabalho infantil, na luta pela democratização do país e das comunicações, na elaboração de leis favoráveis as pessoas que trabalham em turnos alternados, pela segurança de caldeiras e vasos de pressão em qualquer tipo de atividade, no apoio solidário a movimentos de moradores de bairro e movimentos sociais de luta por moradia e reforma agrária e muito mais.

Talvez seja o momento de fazer uso de toda essa riqueza e experiência para pensar em formas inovadoras de representação, organização e negociação coletiva em benefício das pessoas.
